

A PAREMIOLOGIA MEDIEVAL LATINA E O MUNDO CLÁSSICO: UM ESTUDO DE CASO

Álvaro Alfredo Bragança Júnior *

Abstract

The present article deals with the paremiological production in latin through the Low Middle Ages as a very important source of knowlegment about the *modus cogitandi* of part of the *litterati*. As center of this study it will be focused the reappropriation of literary or historical elements of the Classical World, which were used as vehicles of transmission and maintenance of an ideal of *Christianitas*.

Keywords: Late Middle Age; paremiological production; reappropriation of the Classical World.

Resumo

O presente artigo aborda a produção paremiológica em latim na Baixa Idade Média como uma importante fonte de conhecimento sobre a *modus cogitandi* de parte dos *litterati*. O centro deste estudo será a reapropriação de elementos históricos ou literários do mundo clássico, que foram usados como veículos de transmissão e manutenção de um ideal de *Christianitas*.

Palavras-chave: Baixa Idade Média; produção paremiológica; reapropriação do mundo clássico.

Ernst Robert Curtius, em *Literatura européia e Idade Média latina* (1957:51), ao tratar da questão de quais autores seriam os mais utilizados dentro do sistema educacional medieval, cita-nos uma lista de vinte e um nomes de autoria de Konrad von Hirsau, monge germânico do século XII:

- 1) o gramático Donato; 2) o aforista Catão ...; 3) Esopo ...; 4) Aviano ...; 5) Sedúlio ...; 6) Juvenco ...; 7) Próspero de Aquitânia ...; 8) Teódulo ...; 9) Arator ...; 10) Prudêncio ...; 11) Cícero; 12) Salústio; 13) Boécio; 14) Lucano; 15) Horácio; 16) Ovídio; 17) Juvenal; 18) "Homero"; 19) Pérsio; 20) Estácio; 21) Virgílio ...

* Professor Adjunto de Língua e Literatura Alemãs do Departamento de Letras Anglo-germânicas da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Atesta-se esta particularidade, ou seja, a utilidade dos autores para veicular lições de moral na literatura de cunho dogmático-doutrinário, que tinha, entre as suas formas de expressão, os exercícios escolares com provérbios rimados, muitos deles usados “*como preparo para o recreio do espírito e da inteligência*” (apud CURTIUS, 1957, p.51).

O enfoque novo, pois, dado às obras da Antigüidade Clássica refletia a tomada de posicionamento da elite cultural de então, isto é, o clero. Utilizava-se o legado cultural dos textos antigos, porém não se pretendia imitar os seus padrões. Como bem assevera Régine Pernoud:

Se se vê então na Antigüidade um reservatório de imagens, de histórias e de sentenças morais, não se vai ao ponto de a enaltecer como um modelo, como o critério de toda a obra de arte; admite-se que é possível fazer tão bem e melhor do que ela; admiram-na, mas preservar-se-iam de a imitar (PERNOUD, s.d., p.113).

Não a imitação pura e simples dos autores, mas, sim, o plágio criativo, que, nos casos dos *libri proverbiorum*, podia ser encontrado na ampliação e modificação das palavras originais. Ruy Afonso da Costa Nunes (1979, p.199) cita, como exemplo, referindo-se ao renascimento cultural do século XII, John of Salisbury, “*um professor de literatura para quem a composição literária devia inspirar-se nos grandes mestres do passado, mas sem plagiá-los, e que procurava ensinar aos alunos a arte de ler bem e de bem redigir*”. Tal assertiva é do mesmo modo expressa por Jacques le Goff, quando menciona o fato de os professores medievais, como clérigos, fazerem uso não apenas das fontes cristãs, mas também principalmente das obras das *auctoritates* greco-latinas, por considerá-las trabalhos científicos:

Se estes mestres que são clérigos, que são bons cristãos, preferem como textbook Virgílio ao Eclesiastes e Platão a Santo Agostinho, não o fazem apenas por estarem persuadidos de que Virgílio e Platão contêm ensinamentos morais ricos e que, por dentro da casca existe o miolo...; fazem-no porque, para eles, a Eneida e o Timeu são antes de mais nada obras científicas – escritas por sábios e apropriadas para serem objecto de ensino especializado, técnico –, enquanto as Escrituras e a Patrística, que podem ser ricas em matéria científica ..., o são apenas secundariamente (LE GOFF, s.d., p.31).

Sem negar, portanto, o embasamento cultural dos textos da tradição cristã-patrística, os autores medievais, sobretudo os do século XII, retomam

os autores antigos como alavancas para a ampliação do horizonte cultural de então, cuja importância foi tornada célebre pelas palavras de Bernardo de Chartres:

Somos anões que treparam aos ombros dos gigantes. Desse modo, vemos mais e mais longe do que eles, não porque a nossa vista seja mais aguda ou a nossa estatura maior, mas porque eles nos erguem no ar e nos elevam com toda a sua altura gigantesca (apud LE GOFF, s.d., p.32).

Os exemplos de parêmiás rimadas dentro dos manuscritos selecionados por Werner em sua obra *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*, que contém nomes de autores e de personagens famosos da Grécia e Roma antigas, fornecem-nos uma pequena amostra de sua aplicação e conhecimento dentro dos círculos intelectuais medievos¹ e o maior número de citações referentes a Baco, Catão, Erínis, Vênus e Ovídio nos leva a comentá-los dentro dos provérbios por nós escolhidos para análise.

1. Bachus

Provérbio: *Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore
Qui committit ei, proprio privatur honore.*

Tradução: Nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz
Quem nisso incorre, é privado da própria honra.

O valor da *honos* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

Baco, o deus do vinho, teve uma história atribulada. Era filho de Júpiter e de Sêmele, princesa tebana, filha de Cadmo. Devido aos ciúmes de Juno, esposa de Júpiter, o palácio onde vivia com sua mãe foi incendiado, vindo sua mãe, em consequência, a perecer, sendo ele ainda nascituro. Salvo por intermédio de Mácris, filha de Aristeu, posteriormente foi entregue a Júpiter que o introduziu em sua coxa até a hora de seu nascimento (apud COMMELIN, 1906, p.75).

Commelin (1906, p.75) assim descreve sua associação com o vinho:

Quando cresceu, conquistou as Índias com um bando de homens e mulheres, conduzindo tirsos e tambores em vez de armas. A sua volta foi uma marcha triunfal, dia e noite. Em seguida esteve no Egito onde ensinou a agricultura e a arte de extrair o mel; plantou a vinha e foi adorado como deus do vinho.

A sua relação com o suco fermentado do fruto da videira reflete-se nas oferendas feitas pelos seus seguidores. Como afirma o estudioso francês (1906, p.78), “*imolavam-lhe a pega, porque o vinho solta a língua e torna os bebedores indiscretos*”.

Pelo exposto, nota-se, a partir da definição de seus atributos, que o deus Baco e o vinho simbolizam uma união, cujo resultado é expresso basicamente em orgias e descontrole ao falar, derivados da embriaguez, que, segundo a visão eclesiástica medieval, afasta os homens da sobriedade e sapiência indispensáveis ao comportamento de um cristão.

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam. O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral; ao vinho, que desde os antigos era a bebida da verdade, pois *in vino veritas*, entregavam-se os homens sem limites; as mulheres de vida fácil fechavam o ciclo de prazeres mundanos, ofertando-se, em troca de pagamento, àqueles que as procuravam para a fruição da carne. Nos *Carmina Burana*, mais especificamente, nas canções de taberna, encontramos vários textos, nos quais os dados e o vinho são louvados e o clero satirizado:

a) Sobre o jogo

*Ego sum abbas Cucaniensis
et consilium meum est cum bibulis
et in secta Decii voluntas mea est,
et qui mane me quesierit in taberna,
post vesperam nudus egredietur
et sic denudatus veste clamabit:
“wafna, wafna!
quid fecisti, sors turpissima!
nostre vite gaudia
abstulisti omnia.”*

Tradução:

Eu sou o abade da Cocanha (da terra dos prazeres)
e meu conclave acontece junto aos bebedores
e minha vontade está na seita de Décio
e quem me buscar de manhã na taberna,
após a tarde sairá nu
e assim nu clamará pela roupa:

“às armas, às armas!
Que fizeste, ó mui torpe sorte!
Arrebataste todas as alegrias
de nossa vida!”

b) Sobre o vinho – reproduzimos aqui, apenas o final da quarta estrofe e as estrofes quinta e sexta do *carmen buranum* 196, onde toda a sociedade medieval celebra Baco (cf. KISCHOFF, 1979, p.592 e *carmen* 222, p.594).

...

*tam pro papa quam pro rege
bibunt omnes sine lege.
Bibit hera, bibit herus,
bibit miles, bibit clerus,
bibit ille, bibit illa,
bibit servus cum ancilla,
bibit velox, bibit piger,
bibit albus, bibit niger,
bibit constans, bibit vagus,
bibit rudis, bibit magus,
Bibit pauper et egrotus,
bibit exul et ignotus,
bibit puer, bibit canus,
bibit presul et decanus,
bibit soror, bibit frater,
bibit anus, bibit mater,
bibit ista, bibit ille,
bibit centum, bibit mille.*

Tradução:

...

tanto pelo papa quanto pelo rei
bebem todos sem lei.
Bebe a senhora, bebe o senhor,
bebe o soldado, bebe o clérigo,
bebe aquele, beba aquela,
bebe o servo com a criada,

bebe o rápido, bebe o vagaroso,
bebe o branco, bebe o negro,
bebe o constante, bebe o vagante,
bebe o rude, bebe o mago.
Bebe o pobre e o doente,
bebe o desterrado e o ignorante,
bebe o jovem, bebe o velho,
bebe o prelado e o prior,
bebe a irmã, bebe o irmão,
bebe a velha, bebe a mãe,
bebe esta, bebe aquele,
bebem cem, bebem mil.

Os dois trechos satíricos das *Canções de Beuren* são bastante significativos quanto à perniciosa influência do jogo e da bebida na sociedade medieval.

No primeiro poema, um abade, ou seja, o representante máximo de uma comunidade de eclesiásticos em uma abadia, praticamente transfere sua vida daquela para a taberna, onde celebra, não o mistério da eucaristia, mas sim o milagre de “Santo Décio”, nome invocado pelos quase todos anônimos autores dos *Carmina Burana* como o santo protetor daqueles que bebem. Não satisfeito com o vinho, entrega-se ao jogo e aquele que tentar retirá-lo da mesa, acabará, ele próprio, sentindo “na pele” a tentação dos dados, pois sairá nu, já que tudo, inclusive suas roupas, perderá no jogo.

No segundo poema, os versos rimados afirmam ao leitor/ouvinte, que não há distinção social para a bebida. Pelo papa e pelo rei, por aqueles que governam o mundo, bebem todas as classes sociais, sem distinção de cor, função, grau de instrução, idade ou parentesco. Quem verdadeiramente rege os homens é Baco, deus do vinho, que foi ensinado por Sileno a plantar a vinha e pelas Musas a cantar e dançar. Uma divindade pagã que pervertia a ética comportamental cristã.

As meretrizes completam o quadro de caos moral e de costumes. Elas formariam a casta de mulheres, que, de maneira contrária aos preceitos cristãos, entregavam-se fisicamente aos homens, não unidas pelos laços indissolúveis do matrimônio, mas por dinheiro. Jacques Rossiaud em *A Prostituição na Idade Média* (1991, p.12) informa-nos sobre vários tipos de prostituição, porém

a partir do século XIII, no mundo novo e mutante constituído pela cidade, sempre distinguia-se entre as prostitutas públicas e as outras. Prostituições, portanto, não apenas uma, coexistentes e respondendo a ‘deman-

das de prostituição'... igualmente diferentes, nas quais os imperativos de natureza, cultura e sociabilidade ordenavam-se de forma desigual.

Quaisquer que tenham sido os motivos que conduzissem a mulher à prostituição (pobreza, miséria, não conformidade com o código sexual de valores para com a mulher, dentre outros), a qualidade da relação, ou seja, o que definia sua ilegitimidade e não consonância com uma atitude cristã seria a própria condição de prostituta e não o que ela adquiria com o comércio de seu corpo, fundamentando o seu valor moral, totalmente antagônico aos preceitos cristãos. Conseqüentemente, a meretriz representava a mulher em seu mais baixo ponto de degradação e o discurso eclesiástico sobre a figura feminina não era, via de regra, laudatório, salvo o caso de Maria, por exemplo.

A partir das considerações acima expostas, acreditamos, pois, que o provérbio em dístico por nós analisado é um veemente ataque àqueles que preferem os prazeres do mundo à santidade de vida, ou seja, referendando um discurso pedagógico de censura que tenciona nortear o mundo de acordo com um ponto de vista espiritual. O elemento mitológico da Antigüidade greco-latina, aqui Baco, não estava imbuído de qualidades e virtudes cristãs, manifestando somente suas características perversoras e nocivas a uma comunidade regulamentada pelas palavras de Cristo. Contra ele, o jogo e a prostituta ergue-se a voz moral de fundamento cristão. Seu efeito retórico persuasivo apela diretamente ao *proprius honos* do censurado, de forma a reconduzi-lo ao Pai com as bênçãos da Igreja.

Um outro dístico medieval, em versos *unisoni*, também utiliza-se de Baco e introduz Vênus: *Raro frigescit Bacho Venus, ipsa calescit; / Litigium vita! tibi res honesta petita.*, “Raramente Vênus esfria com Baco, ela própria se aquece; / Foge da contenda! Tu debes te dirigir para coisas honestas”. Aqui Vênus, simbolizando a beleza do sexo feminino, une-se a Baco, o deus do vinho, aquele que, como anteriormente considerado, desestabiliza o homem através dos efeitos da bebida. Juntos os dois, o amor de uma mulher e o vinho corrompem e abalam as estruturas do edifício individual do cristão medieval e devido a isso o autor do provérbio, em tom exclamativo, exorta o leitor-ouvinte a se abster de ambos, pois a *res honesta petita* é certamente o cumprimento das palavras de Deus ensinadas pela *mater ecclesia*.

Destarte, Baco nos é apresentado nestes dísticos proverbiais com suas características enebriadoras, que destoariam dentro da própria simbologia cristã, onde o vinho, acima de tudo, era identificado com o sangue de Jesus Cristo, este o redentor da humanidade, aquele um elemento que, sem moderação, poderia desestruturá-la.

2. Erinnys

Provérbio: *Si bonus est finis, animam non tollit Herinis.*
(manuscrito Ba 168)

Tradução: Se a finalidade é boa, Erínis não tira a alma.

Segundo as palavras de Ernesto Faria (1955, p.322), Erínis seria “*uma das três divindades gregas, filhas da Noite e de Cronos. Eram as deusas da vingança e foram, mais tarde, identificadas com as Fúrias dos romanos*”. As funções dessas divindades que residiam nas regiões infernais consistiam em executar as sentenças dos juízes sobre os condenados. No total seriam três irmãs: Megera, Alecto e Tisífone.

Megera, segundo P. Commelin, “*tem por missão semear as discórdias e as disputas entre os homens. É ela também quem persegue os culpados com maior sanha*” (1906, p.233). Alecto, sua irmã, atormenta eternamente os criminosos, não os deixando descansar. Tisífone, *Tisiphone*, que algumas vezes recebe o nome de Erínis é descrita como

vestida com uma roupa ensangüentada, vela dia e noite sentada à porta do Tártaro. Desde que a sentença dos criminosos é pronunciada, ela se arma do seu látego vingador, açoita-os impiedosamente e insulta-os quando eles se lamentam; na mão esquerda segura horríveis serpentes, e chama as suas bárbaras irmãs para auxiliá-la. Era ela quem para punir os mortais, espalhava a peste e os flagelos contagiosos (cf. COMMELIN, 1906, p.233).

Essas três deusas, portanto, habitavam os infernos e eram implacáveis em aplicar as punições aos culpados de crimes. Segundo uma perspectiva literário-cultural, a personagem mitológica greco-latina continua associada à vingança, porém, de maneira diferente, não possui o poder necessário para consumá-la devido à meta traçada pelo homem, que deverá ser boa. Na parêmia em análise, o adjetivo *bonus* qualifica, a nosso ver, o objetivo desejado pelo cristão, qual seja, viver segundo os preceitos do evangelho e das lições dos padres. Caso tal firmeza de caráter e definição de finalidades estejam de acordo com a ótica do cristianismo, a *anima* do indivíduo estará suficientemente forte e preparada, por estar imbuída do espírito de Deus, de forma tal que nem mesmo a vingativa Erínea poderá desempenhar suas funções, ou seja, nesse provérbio a força original da divindade pagã não conseguiria, por mais vingativa que fosse, arrebancar para as “regiões infernais”, agora no sentido cristão do termo, o homem, cuja boa meta seria uma manifestação nele próprio do verdadeiro e onipotente Deus.

3. Venus

Provérbio: *Nescit quid doceat, quem Venus illaqueat.*

Tradução: Desconhece o que deve ensinar, aquele a quem Vênus seduz.

Cultuada em Roma como Vênus, a deusa latina presidia os prazeres do amor. Há duas versões sobre o seu nascimento, uma que a descreve como filha de Júpiter e de Dionéia, filha de Netuno e a outra, exposta por Commelin (1906, p.68), mais conhecida e contada por Homero, segundo a qual a deusa teria sido formada

da espuma do mar aquecido pelo sangue de Celo ou Urano, que se lhe misturou, quando Saturno levantou mão sacrílega sobre seu pai. Acrescenta-se que dessa mistura nasceu a deusa, perto da ilha de Chipre, dentro de uma madrepérola. Diz Homero que ela foi conduzida a essa ilha por Zéfiro, que a entregou entre as mãos das Horas, que se encarregaram de educá-la. Essa deusa assim concebida seria a verdadeira Afrodite, isto é nascida da espuma, em grego Aphros.

Como deusa da beleza, dos prazeres e dos amores, possuía um cinto onde encerrava as “*graças, os atrativos, o sorriso sedutor, o falar doce, o suspiro mais persuasivo, o silêncio expressivo e a eloqüência dos olhos*” (cf. COMMELIN, 1906, p.69).

Embora fosse a deusa do amor, seu comportamento estava longe de ser totalmente amável. Commelin (1906, p.71) menciona e exemplifica seu caráter vingativo, ao afirmar que Vênus era

muito vingativa e impiedosa nas suas vinganças. Para punir o sol (Febo) da indiscrição de haver advertido Vulcano do seu adultério com Marte, tornou-o infeliz em quase todos os amores. ... Vingou-se da ferida que recebera de Diomedes diante de Tróia, inspirando a Egíale, sua mulher, paixões por outros homens. Castigou da mesma maneira a musa Clio que havia censurado o seu amor por Adônis, a Hipólito que desdenhara os seus atrativos.

As duas faces do amor personificadas pela deusa – a paixão carnal e o sentimento de vingança – foram realçadas por boa parte dos *litterati* medievais, que viam nelas um fator de desagregação e de distanciamento do elemento masculino da palavra bíblica. Personificada pela mulher, Vênus seduziria negativamente os homens, dominando suas mentes com o apelo da

carne, assim como Baco faz com o vinho, e os conduziria desta forma para a perdição e danação eternas, pois o paraíso celeste requer o primado do espiritual e, com isso, o domínio sobre o corpo corruptível.

Esta total submissão aos caprichos da deusa e conseqüentê falta de vigilância também podem ser encontradas na parêmia *Curis artatur, si quis Veneri famulatur*, “Se alguém é criado de Vênus, é afligido de cuidados”. Neste provérbio em verso leonino, o traço social de vassalagem medieval é transposto para a relação entre Vênus e seu seguidor, sintetizada pelo verbo *famulari*, “servir como criado”. Aqueles que seguem os prazeres advindos do corpo da mulher, portanto, descuidam-se dos bens do espírito, cujas repercussões ulteriores serão funestas, fatal e eternamente.

A tentação das filhas de Eva, adornadas pelo cinto de Vênus, é do mesmo modo retratada pelo provérbio, em verso leonino, de Paris, *Cuius forma bona, Veneri sit femina prona*, “A mulher, cuja beleza é perfeita, está inclinada para Vênus”. Evidencia-se neste exemplo o poder de sedução feminino quase irresistível exercido pela deusa, que apenas seria detido, se o homem se dispusesse a se armar defensivamente com o Verbo divino.

Um outro provérbio, em dístico com rimas leoninas, reúne Vênus a Baco e ao jogo, completando o quadro desarticulador do cristão medieval: *Alea, vina, Venus; tribus hiis sum factus egenus; / Hec tria qui poterit spernere, dives erit*, “Os dados, os vinhos e Vênus; eu sou feito desprovido dessas três coisas; / Quem puder essas três coisas desprezar, rico será”. Nesse provérbio, os três elementos talvez mais perniciosos dentro da vida cotidiana do medievo, o jogo, o vinho e a mulher, simbolizada por Vênus, são criticados a partir do ponto de vista do autor, que afirma estar livre deles e em conseqüência disso, fixa um parâmetro de riqueza, que não está contido neles. À medida que o tom do discurso proverbial é pedagógico-moralizante, logo podemos deduzir que o mesmo pretendia afastar o público leitor e/ou ouvinte desse trinômio desestruturador da vida social de fundamentação cristã da Idade Média, o que, por fim, configuraria sua redação no seio eclesiástico.

Conforme o material analisado, vemos na figura de Vênus a imagem da mulher insinuante, que ao lançar mão dos seus atributos físicos e demais recursos de sedução, instaura um grande perigo para a cristandade ocidental em terras em sua grande maioria germânicas. Assim, a representação da deusa romana associada às suas características do amor carnal somente poderia suscitar reprimendas àqueles que desejassem servi-la, pois em um mundo, no qual o homem deveria estar se preparando para a verdadeira vida *post mortem*,

as palavras de São Paulo em Gálatas 5, 16-17 teriam que imperiosamente constituir a sua base moral: “*Digo-vos, pois: andai segundo o Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Efetivamente, a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito desejos contrários à carne; estas coisas são contrárias entre si, para que não façais tudo aquilo que quereis.*” Ainda mais, segundo o apóstolo, os frutos da carne, os quais Vênus estimula, são

o adultério, a fornicação, a impureza, a luxúria, a idolatria, os malefícios, as inimizades, as contendas, as rivalidades, as iras, as rixas, as discórdias, as seitas, as invejas, os homicídios, a embriaguez, as glutonias e outras coisas semelhantes, sobre as quais vos previno, como já vos disse, que os que as praticam não possuirão o reino de Deus (Gálatas 5, 19-21).

4. Marcus Porcius Cato

Provérbio: *Vix sine peccato posset modo vivere Cato.*

Tradução: Apenas Cato poderia com dificuldade viver sem pecado.

Uma das personalidades mais influentes da república romana, Marcus Porcius Cato, cognominado *o Censor*, nasceu em Tusculum em 232 a.C. O verbete a ele referente no volume I do *Lello universal* (s.d., p.497) sumariza bem sua vida:

Eloquente, sóbrio, infatigável, foi censor em 184 e envidou todos os esforços para reprimir o luxo que estava corrompendo Roma. Árbitro em África no conflito entre Masinissa e Cartago, escandalizou-o a prosperidade que esta cidade readquirira e logo que regressou a Roma, não deixou de apontar o perigo que dela poderia advir à República, rematando todos os seus discursos, no Senado, com as famosas palavras: Ceterum censeo Carthaginem esse delendam, “e também penso que se deve destruir Cartago”. Lutou sem descanso contra a invasão da literatura e dos costumes helênicos e fez expulsar de Roma o filósofo Carnéades. O nome de Cato tornou-se sinônimo de homem austero, muito sensato ou que afeta sê-lo. Cato escreveu um livro sobre as origens de Roma, que se perdeu, e um tratado sobre a agricultura De re rustica.

Exatamente pelo aspecto de crítico de costumes e voz clamante contra os vícios e defeitos que afetavam a *urbs* e poderiam minar as *virtutes* romanas, Cato prestou-se durante a Idade Média a ser o porta-voz de um discurso sapiencial de advertência contra as depravações e os riscos de se tomarem atitu-

des que contradissem os preceitos do código social vigente. Por este último representar o sistema doutrinário-propedêutico dominante na maior parte da Europa ocidental de então – o cristianismo – seu papel em Roma como arauto da necessidade de manutenção das tradições morais romanas é aqui adaptado para defensor do legado moral e ético da religião católica, advogada pelo clero.

Tamanha foi a importância do nome *Cato* dentro do círculo escolar eclesiástico medieval, que os *Disticha Catonis* se tornaram leitura quase que obrigatória nos *curricula* das escolas de então. Segundo Wayland Johnson Chase em *The distichs of Cato* (1922, p.2), a obra foi atribuída ao censor romano “por esse ser considerado associado à sabedoria e a uma literatura sapiencial em forma de regras práticas para a vida”. Para ele, os *Disticha* teriam sido compostos entre os anos de 117 e 324 por um escritor que teria vivido na parte ocidental do Império Romano e que, no final do século V, o nome de *Cato* a eles teria sido associado (1922, p.2).

A utilidade destes dísticos excedia, porém, o mero contato com um escritor da Antiguidade. Wayland Johnson Chase (1922, p.4) é categórico ao referir-se à obra como “o primeiro livro-texto de latim para os alunos da Idade Média e um livro-texto com uma moral, ou seja, com os ensinamentos dos dísticos”. Durante o período carolíngio, o livro teria sido largamente utilizado nas escolas ocidentais, como anteriormente ressaltado, alcançando no século XII uma posição de grande destaque no meio escolar. Segundo Chase (1922, p.4),

Walter Map, teólogo e autor do século XII, considera este Cato o mais sábio homem depois de Salomão e John of Salisbury declara que a partir dos Disticha é que as crianças de seu tempo eram regularmente instruídas nos preceitos de virtude.

Os dísticos não apresentam artifícios poéticos como a rima, baseando sua melodia na alternância entre sílaba longa e sílaba breve, característica da versificação acentual clássica. Por outro lado, centrando-se numa proposta de análise sobre o conteúdo social da parêmia, percebe-se que à época da composição da mesma – século XV -, a agitação antropocêntrica do *quattrocento* italiano aliada a uma decomposição moral por parte dos membros dirigentes do clero católico perturbava e desviava o homem do final da Idade Média do seu Criador. O elemento cristão do *peccatum* é acronologicamente transportado para a vida do moralista romano, referendando, em primeiro lugar o valor deste último como voz da sabedoria antiga e realçando, em um outro plano, as dificuldades para uma vida íntegra cristã dentro da sociedade de então.

Somos de opinião, portanto, que Catão perfaz o exemplo prático experiencial e sapiencial dos antigos, que, redimensionado com os valores

do cristianismo ocidental, é um testemunho do momento histórico conturbado do século XV, onde a palavra cristã ensinada pela Igreja não se coadunava com as suas práticas terrenas e com as novas expectativas do homem renascentista. Nesse caso, o legado do censor antigo torna-se porta-voz de denúncia de um tecido social prestes a ser totalmente rasgado.

5. Publius Ovidius Naso

Provérbio: *Qui studium spernit simul et tua carmina, Naso!
Nil sibi contingat melius quam fiat agaso.*

Tradução: Quem ao mesmo tempo despreza o estudo e os teus versos, Nasão!
Não terá sorte melhor do que se tornar laçaoi.

Publius Ovidius Naso nasceu em Sulmona no ano 43 A.C.. Filho de um comerciante abastado, teve educação esmerada, estudando filosofia, retórica e gramática junto a grandes mestres. Exerceu a função de advogado e outros cargos dentro da magistratura romana, conforme desejo paterno. Entretanto, a posteridade lembra-se de Ovídio como poeta. Em Roma, recebe os amigos para festividades em sua rica moradia. Rômulo Augusto de Souza (1977, p.220) traça os passos da produção literária do poeta de Sulmona:

As suas primeiras obras, representadas pelas elegias amorosas, refletem esse clima requintado e erótico em que vivia o poeta. Como bom discípulo da escola alexandrina, Ovídio procurou fazer um poema mais sério, com tonalidades épicas e didáticas, sobre a criação do mundo e das coisas, ao qual deu o título de Metamorphoses, considerada a sua melhor obra. Em seguida, publicou os Fasti, espécie de calendário explicado dos dias úteis.

Já reconhecido dentro da corte de Augusto, Ovídio parecia ter consolidado sua posição como escritor, quando ao estar concluindo os *Fasti*

*foi surpreendido por um edito do imperador desterrando-o para o Ponto Euxino, região fria e inóspita da Ásia. Os motivos dessa decisão de Augusto nunca ficaram bem esclarecidos. Uns dizem que foram as suas publicações eróticas, sobretudo a *Ars Amandi* que teriam suscitado a represália do imperador; há muito esperando um pretexto para afastar de Roma o poeta, cujas obras contrariavam sua política de moralização. Outros afirmam que Ovídio sabia e favorecia os amores secretos de Júlia, neta de*

Augusto. Parece, entretanto, que os motivos políticos relacionados com a sucessão de Augusto foram os verdadeiros fatores da decretação do exílio do poeta, que figurava entre os opositores dos planos de Lúvia, visando transmitir o império a Tibério e não a Agripa (cf. SOUZA, 1977, p.220).

Ovídio passou os seus anos restantes de vida no Ponto, onde escreveu *Tristia*, *Epistolae ex Ponto*, a parte final dos *Fasti* e a sátira *Ibis*, vindo a falecer durante o reinado de Tibério aos 63 anos de idade no ano 18 da nossa era. Rômulo Souza (1977, p.225) assim sumariza o legado de seus escritos:

De imaginação brilhante e versatilidade poética admiráveis, além de uma capacidade extraordinária de trabalho, Ovídio deixou uma obra vasta e preciosa que retrata a juventude faustosa e galante, que deseja gozar a vida, de maneira voluptuosa e sensual sem atingir, porém, a paixão que deixa a alma em êxtase e o coração em sobressalto.

O talento artístico e o preciosismo literário do poeta foram redescobertos pelos *lectores* medievais. Konrad von Hirsau – primeira metade do século XII – aceita a leitura dos *Fasti* e das *Epistolae ex Ponto*, recusando as obras eróticas e as *Metamorphoses* (cf. CURTIUS, 1957, p.52). Por outro lado, no final deste mesmo século, Alexander Neckam (*apud* CURTIUS, 1957, p.52) admite a leitura das *Metamorphoses* e para combater os seus possíveis efeitos, os *Remedia amoris*. Todavia, um outro aspecto importante do trabalho com seus textos possibilitou aos *clerici* deles depreender expressões proverbiais, as quais tiveram largo uso durante o medievo.

Da Literatura para a Retórica, entremeado de exemplos moralizantes, Ovídio foi uma das *auctoritates* mais significativas dentro do universo intelectual medieval. Tal assertiva pode ser defendida, se atentarmos para o provérbio em questão, em versos *caudati*. No que tange explicitamente à parêmia, notamos que a referência ao poeta de Sulmona se inicia praticamente com a equivalência entre o *studium*, entendido como o ingresso na universidade, e o conhecimento dos versos de Ovídio, o que confirma ser sua leitura indispensável pelo menos para o curso das disciplinas do *trivium*. Caso, contudo, seu estudo seja negligenciado ou propositalmente rejeitado, triste sina estará reservada ao autor de tal temeridade, pois não obterá posição de destaque dentro da sociedade medieval, cabendo-lhe possivelmente o papel de laçao.

Neste ponto, este provérbio mostra-se extremamente rico em considerações de ordem social sobre o medievo, a saber:

a) no estudo universitário, a leitura dos *carmina* ovidianos era indispensável;

b) o conhecimento delas advindo poderia proporcionar futuramente ascensão social dentro do universo dos *litterati* medievais;

c) o desconhecimento das obras do sulmonês, em contrapartida, poderia determinar uma posição de inferioridade no âmbito do saber e a palavra *agaso*, “lacaio”, pode perfeitamente ser aplicada quase como sinônima de *vassalus*.

Uma segunda parêmia em versos *caudati* lembra o sofrimento de Nasão por ter sido expatriado por Augusto: *Dicas, cum pateris, que forsan non meruisti: / Hec modo Naso feres, quoniam maiora tulisti*, “Tu dirias aquelas coisas, que talvez não mereceste, embora as sofras: / Logo, ó Nasão, suportarás estas, visto que suportaste males maiores”. Visualiza-se por trás da menção aos sofrimentos de Ovídio uma mensagem de reconforto, pois muitas vezes cometem-se injustiças e pessoas inocentes são as vítimas expiatórias das mesmas. Como não perceber aqui, então, a palavra cristã do encorajamento à prática da abnegação, pois se o Mestre dos Mestres padeceu sob as injustas acusações dos fariseus, a tudo aceitando, pois estava cômico de que daquela forma cumpriria a vontade de seu Pai, ele, Ovídio, um mortal, como se acabasse de adentrar a época do autor da parêmia, deveria mirar-se no exemplo de Cristo e aguardar a sua misericórdia. A intertextualidade entre os textos de Ovídio e a Sagrada Escritura revela-se, pois, presente, fazendo com que o poeta de Sulmona, cidadão romano, possa ser ornado quatorze séculos depois com as virtudes de um cristão.

As personagens da mitologia greco-romana, Baco, Vênus e Erínia bem como Catão e Ovídio chegam aos olhos e ouvidos dos alunos medievais, portanto, como temas de referência cultural e moral da Antigüidade. Contudo, Baco e sua comitiva regada a vinho, Erínea com seu espírito vingativo e Vênus com seu apelo lascivo para a concupiscência do amor carnal são motivos de reprimenda dentro dos provérbios provenientes das escolas eclesiásticas e universidades. De forma diferente, Catão continua a ser valorizado por seu discurso moral e moralizante, e trabalhar com os textos de Ovídio alarga a inteligência do estudante, porém tanto os personagens literários quanto seus autores assumem no discurso paremiológico medieval ora apresentado uma função não apenas didática *stricto sensu*. Muito mais que isso, eles representam antigos valores, adquirem e expressam novas idéias permeadas todas pela mensagem doutrinária cristã, convertendo-se então em exemplos e *auctoritates* de um mundo pagão, cuja sabedoria prática, porém, não pode ser desdenhada, mas sim aproveitada e convertida em um modelo pedagógico eclesiástico de fundamentação católica.

Bibliografia

- BISCHOFF, B. *et alii*. *Carmina Burana*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Serviço de Fotocópias, 1998. 208 p. Tese de Doutorado em Letras Clássicas.
- CHASE, W. J. *The distichs of Cato. A famous medieval textbook*. Wisconsin: Madison, 1922. (University of Wisconsin Studies in the Social Sciences and History, 7.)
- COMMELIN, P. *Nova mythologia grega e romana*. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, 1906.
- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1955.
- LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. Margarida Sérulo Correia. 2. ed.. Lisboa: Gradiva, s.d.
- NUNES, R. A. da C. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1979.
- PERNOUD, R. *Luz sobre a Idade Média*. Trad. António Manuel de Almeida Gonçalves. Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d.
- ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SOUZA, R. A. de. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, 1977.
- WERNER, J. *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.

Nota

¹ Para uma descrição quantificada das incidências paremiológicas, bem como da classificação dos manuscritos citados no *corpus* deste artigo cf. BRAGANÇA JÚNIOR, 1998.